

Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas e gestão do currículo no trabalho docente: uma aproximação possível



Prof. Dr. Elydio dos Santos Neto
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO: O objetivo do trabalho, proposto para o eixo temático quadrinhos e educação, é mostrar que as histórias em quadrinhos poético-filosóficas podem ser utilizadas com proveito nas práticas curriculares das escolas brasileiras, de modo especial no segundo ciclo do ensino fundamental e no ensino médio. Para tanto, assume como fundamento teóricos Morin (1995, 2000) e Grof (1987), no que diz respeito à compreensão da condição humana; Freire (1986) relativamente à educação; Cirne (2000), Vergueiro (2005), Andraus (2006), Magalhães (2001) e Guimarães (2001) nos estudos sobre histórias em quadrinhos e quadrinhos poético-filosóficos. Metodologicamente é um trabalho de natureza bibliográfica, mas que também buscou registrar depoimentos de artistas brasileiros que produzem no campo dos quadrinhos poético-filosóficos. Compreende-se aqui, na realidade brasileira, que histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos quadros. Conclui-se que os quadrinhos poético-filosóficos, com toda a força de sua produção poderão contribuir no cotidiano das construções curriculares, elaboradas pelos professores, com o favorecimento de uma poderosa linguagem imagético-textual que consegue estabelecer comunicação, com diferentes faixas etárias e sociais, acerca de temas complexos e necessários à reflexão coletiva e ao processo criativo de construção do conhecimento na educação formal. Obviamente que isso supõe uma formação que possibilite aos professores um manejo adequado e responsável deste rico material, nem sempre bem compreendido no primeiro exame de olhos.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos poético-filosóficas, currículo, trabalho docente, educação, formação de professores.

ABSTRACT: The aim of the work proposed for the main theme comics and education, is to show that philosophical-poetic comics can be advantageously used in Brazilian school's curriculum practices, especially in the second cycle of basic education and secondary education. To do so, takes as a theoretical Morin (1995, 2000) and Grof (1987), with regard to understanding the human condition; Freire (1986) for education; Cirne (2000), Vergueiro (2005), Andraus (2006), Magalhães (2001) and Guimarães (2001) in studies of comics and philosophical-poetic comics. Methodological work is a bibliographic nature, but also sought to record statements from artists who produce comics in the field of philosophical-poetic comics. It is understood here in the Brazilian reality, that philosophical-poetic comics are ones that have so explicit in his art, the intention is made of a poetic reflection, while creatively open to the continuous movement of life, and philosophical as a provocation to think deeper about the human condition. The philosophical-poetic comics tend to be presented in short stories that often break with the conventional linear narrative of the comic using for this, is the creative resources on the dash of the artist is in new proposals for the use of panels. We conclude that the philosophical-poetic comics, with the full force of its production may contribute to the daily curriculum of the buildings, developed by teachers, with the encouragement of a powerful image-textual language that can communicate with different age groups and social, about complex issues and required the collective thinking and the creative process of knowledge construction in formal education. Of course it supposes an education that enables teachers a proper and responsible management of this rich material, not always well understood in the first eye examination.

KEYWORDS: philosophical-poetic comics, curriculum, teaching work, education, teacher training.

Introdução

A primeira metade do século XX é marcada pelo grande avanço das histórias em quadrinhos, em vários países, como um meio de comunicação de massa com características de comunicação eficiente e arte criativa que reúne, em um mesmo suporte, imagens desenhadas e texto. Contudo os quadrinhos não foram aceitos de pronto no quadro de valores das diferentes socieda-

des do século XX. Várias batalhas foram travadas contra os mesmos e ficaram de tais batalhas cenas que lembram, por exemplo, a queima de livros hereges no período da famosa inquisição católica ainda no período medieval.

No contexto de tais batalhas quero lembrar as lutas travadas no campo da educação, que foi fortemente atingido, na metade do século passado, pelos comentários do Dr. Fredrich Wertham que atribuíam às

histórias em quadrinhos a responsabilidade por muito da assim chamada delinquência juvenil (Santos Neto; Silva, 2010). No Brasil, como em muitos outros países, professores e educadores em geral fizeram coro com os discursos de Wertham e também aqui uma grande batalha contra as histórias em quadrinhos se travou. Ainda que tenham surgido defensores do porte de um Gilberto Freire e de um Adolfo Aizen (Gonçalo Junior, 2004) não foi fácil mostrar que as histórias em quadrinhos são uma forma de comunicação e de arte que pode ser grande aliada do processo humano de desenvolvimento em diferentes espaços sociais.

Hoje, embora já tenhamos uma recomendação do Ministério de Educação e Cultura (MEC) do governo brasileiro para a utilização de quadrinhos em sala de aula e mesmo considerando que muito do antigo preconceito contra os mesmos já tenha sido superado, resta ainda, de modo especial entre educadores e professores, um ranço que se apresenta como contrário à utilização das histórias em quadrinhos nos espaços de educação formal e não-formal. Este trabalho se insere numa perspectiva que vê de maneira otimista a aproximação entre as histórias em quadrinhos e os diferentes processos educativos.

Assumo como objeto principal da investigação as histórias em quadrinhos poético-filosóficas produzidas no Brasil e pergunto: *Considerando o contexto da educação escolar brasileira e o conteúdo apresentado pelos principais autores de quadrinhos poético-*

filosóficos no Brasil, é possível dizer se tais quadrinhos podem ser trabalhados pelos professores, como gestores do currículo, com proveito para os processos de ensinar e aprender, nos espaços de educação formal, mas de modo especial no segundo ciclo do ensino fundamental e no ensino médio?

Este trabalho justifica-se não apenas pela recente retomada dos quadrinhos no espaço da educação escolar, mas também porque, ao escolher as histórias em quadrinhos poético-filosóficas, assumi como objeto de investigação trabalhos de caráter autoral, que não têm sido considerados como comerciais no mercado brasileiro de quadrinhos, e que apresentam muitas histórias sensíveis aos problemas éticos, políticos, religiosos, científicos e tecnológicos do homem contemporâneo. Justifica-se ainda por assumir como parte do problema de pesquisa, junto com o objeto acima explicitado, a gestão do currículo em sala de aula pelos professores que desenvolvem suas práticas na complexa realidade brasileira. Assim, o principal objetivo deste trabalho, proposto para o *eixo temático quadrinhos e educação*, é mostrar que as histórias em quadrinhos poético-filosóficas podem ser utilizadas com proveito nas práticas curriculares das escolas brasileiras, de modo especial no segundo ciclo do ensino fundamental e no ensino médio.

Revisão de Literatura

Fiz uma pesquisa que envolve quadrinhos poético-filosóficos, ação docente e gestão do currículo, de modo especial nos

espaços de educação formal. Assim é natural que me referencie em teóricos que me permitam trabalhar, por conta do foco privilegiado na condição humana, com concepções de ser humano que sejam adequadas não apenas à complexidade da referida condição, mas também à complexidade e profundidade dos trabalhos artísticos produzidos no gênero que venho chamando de quadrinhos poético-filosóficos, bem como às exigências compreensivas da instituição escolar. Assim sendo, assumi como fundamentos teóricos Morin (1995, 2000) e Grof (1997), no que diz respeito à compreensão da condição humana; Freire (1982; 2000) relativamente à educação; Cirne (2000), Vergueiro (2005), Andraus (2006), Magalhães (2001) e Guimarães (2001) nos estudos sobre histórias em quadrinhos e quadrinhos poético-filosóficos.

Edgar Morin e Stanislav Grof forneceram-me condições para considerar a condição humana em sua complexidade, complexidade esta que, por sua vez, está presente nas diferentes produções nas quais o ser humano termina por se fazer presente, como bem sugere a abordagem filosófica da fenomenologia. De fato, afirma Morin (2000, p. 59-60):

Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isso constitui o estofo propriamente humano. O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com

objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas Idéias, mas que duvida dos deuses e critica as Idéias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras.

Se Morin entende o ser humano como complexidade que abriga nós contrários, Grof entende o ser humano como um ser hilo-holotrópico, como afirma (1997, p. 223):

Estes dois aspectos complementares da natureza humana estão conectados experiencialmente com os dois modos de consciência diversos que foram mencionados brevemente (pp. 52, 53). O primeiro aspecto pode ser denominado como consciência hilotrópica, que é traduzido como consciência orientada pela matéria. O nome deriva do grego *hylé* = matéria e *trepein* = mover-se em direção a. É o estado mental que experienciamos na vida cotidiana, e que a psiquiatria ocidental considera como o único normal e legítimo - aquele que reflete corretamente a

realidade objetiva do mundo. (...) Contrastando com o modo hilotrópico, estreito e restrito, a variedade holotrópica envolve a experiência de si mesmo como um campo de consciência potencialmente ilimitado, que tem acesso a todos os aspectos da realidade sem a intermediação dos sentidos. Holotrópico é traduzido literalmente como a busca da totalidade ou como movimento para a totalidade (do grego *holos* = todo e *trepein* = em direção a). As experiências neste estado mental oferecem muitas alternativas interessantes ao mundo newtoniano da matéria, com tempo linear e espaço tridimensional.

Por fim, para Paulo Freire o ser humano é um ser histórico, inacabado e, por isso mesmo, um ser de esperança. De fato, afirma Freire (2000, p. 114):

A matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento de seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação. Mas precisamente porque nos achamos submetidos a um sem-número de limitações – obstáculos difíceis de ser superados, influências dominantes de concepções

fatalistas da História, o poder da ideologia neoliberal, cuja ética perversa se funda nas leis do mercado – nunca, talvez, tenhamos tido mais necessidade de sublinhar, na prática educativa, o sentido da esperança do que hoje.

Estas referências teóricas me auxiliam a responder, de forma que considero rica e consistente, à seguinte pergunta: Quem é o ser humano que produz histórias em quadrinhos e por que produz? O ser humano que produz histórias em quadrinhos é um ser complexo, rico em nós contraditórios, carente de construção de sentido para suas ações, pulsando, ao mesmo tempo, segundo uma materialidade bio-sócio-política (hilotropia) e segundo uma perspectiva de totalidade (holotropia) e, felizmente, inacabado e, portanto, sempre com a possibilidade da esperança, uma vez que, desde sua historicidade, o amanhã não é definido, mas é, antes, problemático. E porque é um ser inacabado e necessitado de construir sua sobrevivência e sua existência com sentido, então este homem cria cultura, cria artefatos culturais. Deste ponto de vista as histórias em quadrinhos são mais uma tentativa, numa estética que reúne imagem e texto, de construir/refletir sobre o sentido do que significa existir como ser humano, lançando mão para tal reflexão da imaginação criadora que o coloca nos mares da ficção, sempre, porém com referência na experiência humana.

Compreendo as histórias em quadrinhos engendra-

das a partir de suas raízes culturais (CIRNE, 2000); que se oferecem como artefatos culturais que favorecem experiências culturais a serem vividas pelos leitores, experiências estas que marcam a maneira como se comportam diante de tal artefato e daí a necessidade de um processo de “alfabetização” em relação às histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 2005); e como favorecedoras de um desenvolvimento holístico do ser humano que as frequenta com regularidade (ANDRAUS, 2006). Elas terminam, assim, por se constituir num grande campo para a criatividade humana, campo este nos quais elas serão, dentro das diferentes sociedades humanas, valorizadas seja por seu conteúdo autoral que fala diretamente às necessidades humanas mais profundas, seja por seu sucesso comercial que responde a necessidades, em bom número de vezes, impostas pela sociedade de consumo ou, ainda, pela conjunção destes dois motivos.

Na esteira destas possibilidades, desde os anos da década de 1980, surgiu um grupo de autores que vem produzindo um tipo de quadrinhos aos quais alguns estudiosos, pesquisadores e mesmo alguns artistas vêm chamando de histórias em quadrinhos poético-filosóficas. Pesquisadores conhecidos no campo das histórias em quadrinhos no Brasil já se debruçaram sobre este gênero e, a título de exemplificação, cito aqui: Franco (1997), Guimarães (2001), Magalhães (2001) e Andraus (2008 a, 2008 b). Eu mesmo já tive oportunidade de me deter sobre os quadrinhos poético-

filosóficos por ocasião de minha pesquisa de pós-doutoramento, quando me esforcei para definir, a partir de diferentes contribuições, o que são quadrinhos poético-filosóficos (Santos Neto, 2009, p.89-90).

A partir do quanto foi trazido aqui, como contribuição dos vários artistas e estudiosos do tema, é possível afirmar que histórias em quadrinhos poético-filosóficas são aquelas que apresentam, de maneira explícita em sua arte, a intenção de que seja feita uma reflexão poética, enquanto aberta criativamente ao contínuo movimento da vida, e filosófica, enquanto provocação a um pensar aprofundado sobre a condição humana. As histórias em quadrinhos poético-filosóficas tendem a ser apresentadas em histórias curtas que, muitas vezes, rompem com a linearidade convencional das narrativas em quadrinhos usando, para tanto, de criativos recursos seja no traço do artista seja em novas propostas de utilização dos requadros.

São, portanto, três as características que principalmente definem uma história em quadrinhos poético-filosófica: 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos.

Tenho me debruçado sistematicamente sobre os quadrinhos poético-filosóficos criados pelos artistas Gazy Andraus, Edgar Franco e Flávio Calazans, e são estes criadores que assumo como objeto de estudos, como à frente se verá.

Resta ainda dizer que, com Paulo Freire (1982), compreendo a educação como espaço de problematização, reflexão e diálogo no qual cada aluno é sujeito de seu processo educativo. E, com Apple (1999) entendo o currículo como um ambiente simbólico – nele as diferentes disciplinas e conteúdos trazem as representações que as ciências, as artes, as filosofias e os saberes populares constroem, como cultura, sobre a realidade humana e cósmica – permanentemente planejado, pensado e reconstruído para responder às necessidades do mundo pessoal e social dos seres humanos. O trabalho feito neste ambiente simbólico envolve não apenas os aspectos técnicos do conhecimento, mas também os políticos, éticos e estéticos. Desta forma é possível pensar que não apenas a relação de disciplinas e conteúdos tradicionais constituem o currículo, mas sim tudo o que se apresenta na escola como proposta formativa aos alunos, de modo consciente ou não: espaço, tempo, relacionamentos, costumes, procedimentos, organização de processos de registro, forma de tratamento das questões problemáticas, projetos de trabalho pedagógico, formas de avaliação e de devolutivas de avaliação, momentos de descanso e entretenimento, atividades culturais em geral, etc.

Materiais e Métodos

Metodologicamente é um trabalho de natureza bibliográfica que buscou, inclusive, depoimentos de artistas brasileiros que produzem no campo dos quadrinhos poético-filosóficos. Sendo bibliográfico colocou foco na análise dos conteúdos das histórias e das concepções fundantes de Gazy Andraus, Edgar Franco e Flávio Calazans com intento de verificar se é possível apresentá-las aos docentes para que a utilizem como material de estudo nas diferentes disciplinas e temas transversais atualmente sugeridos pelos vários parâmetros curriculares nacionais, em nosso caso com especial atenção nos ensinos fundamental e médio.

Ainda que cada um dos autores que estudei tenha especificidades que os diferenciem, é possível dizer que a *concepção de ser humano* que defendem aproxima-se, sob certos aspectos, da concepção de *homo complexus* apresentada por Edgar Morin, uma das referências teóricas deste trabalho, isto é, um ser tecido com cruzamento de inúmeros e diferentes “fios”. Assim, o homem é, corporal, cósmico, gregário, fraterno, amoroso, tri-cerebral (racional, intuitivo, administrativo) – como gosta de afirmar Gazy Andraus –, espiritual, consciente, necessitado de manter viva sua “criança” para desenvolver-se, mas, ao mesmo tempo é, irracional, inconsciente, capaz de negar-se por sua “adulter”, materialista, fratricida, com poder de deixar-se tomar pelo ódio e de deixar-se levar por uma vida sem sentido. Mas, como é inacabado está sempre na

possibilidade de desenvolver-se, evoluir, amadurecer e sair de uma situação de inconsciência ou de menor consciência e progredir para uma condição de consciência expandida, consciência cósmica, na qual perceba a ligação de interdependência que existe entre todos os viventes e, assim sendo, consiga viver de modo fraterno, alegre e amoroso.

É um ser que pode adaptar-se às normas definidas por uma sociedade e morrer, em atitude de auto-suicídio, por fidelidade a elas. É o caso dos normóticos, como os chama Jean Yves-Leloup, ou seja, aqueles que abriram mão de seu desejo fundamental para serem fiéis às normas sociais: “Sou o que os outros querem que eu seja”. Se, por um lado, o ser humano pode ser assim, por outro, pode ser capaz de rebelar-se, de transgredir e de assumir-se diferente dos outros, fazendo com que a “estranheza de ser”, como sugere Edgar Franco, ajude a quebrar paradigmas velhos e arraigados, que só fazem adoecer.

O ser humano, para esta compreensão, também é passível de esperança e de desesperança. A esperança é uma possibilidade daqueles que entendem, como Paulo Freire, o ser humano como inacabado. Se inacabado, responsável por sua própria história e co-responsável pela história do coletivo humano, então isto quer dizer que seu amanhã não precisa ser necessariamente como é o hoje: pode ser diferente, há esperança. A esperança alimenta a luta humana no presente para que o futuro seja outro e, neste sentido, pode-se dizer que aquele que se

desesperançou perdeu uma das principais fontes inspiradoras da luta e tem a vida fortemente ameaçada. A arte, para Edgar Franco, é provocadora de esperança porque é canal de manifestação da interioridade do ser e, portanto, é possibilidade de autoconhecimento e autotransformação que pode se irradiar até a transformação da realidade.

Finalmente, embora sem esgotar, percebo que os três entendem o ser humano também como ser espiritual e capaz de comunhão com os outros homens e com os demais viventes. O ser humano pode fazer um inferno na Terra, mas pode também transformá-la num lugar habitável e cheio de dignidade. Evoluir implica em estar holisticamente relacionado aos vários aspectos do ser: aspectos conscientes e inconscientes. Ao valorizarem os aspectos espirituais não significa, contudo, que não sejam duros críticos das religiões, e de outras instituições, que se estabeleceram sobre o poder de controle das pessoas e sobre os dogmas. São duros nas críticas a estas instituições (escola, família, religiões, partidos políticos, universidades, etc.), pois percebem aí a negação da liberdade humana que propicia a cada ser humano, com muito custo, a lenta evolução.

Do ponto de vista da *concepção de conhecimento* é preciso dizer que a gnosiologia destes autores não se resume a uma epistemologia. Um ser humano complexo pode construir o conhecimento tendo diferentes fontes e referências. A arte, a experiência cotidiana, a filosofia,

as tradições espirituais e as ciências são caminhos para produção do conhecimento. Obviamente que, como pesquisadores que trabalham na academia, sabem que são conhecimentos que possuem diferentes maneiras de sistematização, que tal interfere nos resultados produzidos e que, sendo assim, precisam estar atentos aos caminhos utilizados para suas construções. Isso, penso, explica o fato de que os três são estudiosos com interesses amplos e variados, embora tenham escolhido seus campos de especialização.

No aspecto do conhecimento é preciso dizer ainda que os três valorizam muito o autoconhecimento, sem o qual põe-se em risco não só a tarefa de transformação pessoal, mas também as possibilidades de transformação coletiva. Pode-se mesmo dizer que, para os três, produzir sua arte, produzir histórias em quadrinhos é uma forma de partilhar com os outros, mas é também uma forma de autoconhecimento, uma forma de autotransformação.

Para falar da *concepção política* é preciso lembrar a perspectiva, também defendida por Paulo Freire, segundo a qual não existe neutralidade política. Neste sentido os trabalhos dos três apresentam-se com críticas às sociedades consumistas, autoritárias, fragmentadoras, egocêntricas, economicistas e beligerantes. Percebo nos trabalhos de Gazy Andraus, Edgar Franco e Calazans espaços definidos de maneira diferente para trazer as questões políticas mais amplas. Para Gazy Andraus

e Edgar Franco o espaço da luta política cotidiana, partidária e ideológica não é definido explicitamente, mas está implícito nos temas assumidos e nas situações propostas pelas personagens. Nos trabalhos de Gazy Andraus a sua posição política aparece difusa nos temas de natureza simbólica, mítica e espiritual que costuma tratar, mesmo quando traz as questões mais existenciais do ser humano. Nos trabalhos de Edgar Franco o tema político está presente nas tramas do universo futurista pós-humano, de modo especial nas batalhas entre os diferentes grupos que habitam aquele universo. Nos trabalhos de Calazans, contudo, as batalhas ideológicas e políticas aparecem com maior clareza, por exemplo, desde sua postura libertária e de defesa das ações cooperativas, até sua releitura da história do Brasil, em *A Hora da Horta*, passando pelas páginas de *A guerra das idéias*, nas quais a partir de suas idéias libertárias faz uma releitura de várias abordagens filosóficas e de suas implicações para os poderes que pretendem reger as sociedades, conseguindo demonstrar que a política também não se desvincula de aspectos inconscientes, emocionais, relacionais, individuais.

Resultados Parciais/Finais

Concluo assim que os quadrinhos poético-filosóficos, com toda a força de sua produção poderão contribuir no cotidiano das construções curriculares, elaboradas pelos professores, com o favorecimento de uma poderosa linguagem imagético-

textual que consegue estabelecer comunicação, com diferentes faixas etárias e sociais, acerca de temas complexos e necessários à reflexão coletiva e ao processo criativo de construção do conhecimento, seja na educação formal ou na educação não-formal.

Nossa sociedade, não apenas brasileira, mas planetária, tem passado por muitos processos de mudança. Os diferentes campos da cultura humana têm sido sacudidos por questionamentos, reformulações, novas posturas e novos valores. Da moral às novas tecnologias, passando pela ciência, economia, política, religiões, filosofia, trabalho e educação temos visto os conflitos paradigmáticos entre uma cultura dominante que insiste em permanecer e novas abordagens culturais que ousam novas proposições.

É neste quadro, que gera perguntas e dúvidas, que compreendo a importância dos quadrinhos poético-filosóficos. Eles são uma criação cultural que dialoga com as questões existenciais do homem contemporâneo com um grande repertório de temas – existenciais, espirituais e filosóficos – como: o sofrimento humano, a morte, a esperança, o destino, o ego encapsulado em si mesmo, a mente humana, o feminino materno, a consciência planetária, a consciência cósmica, o imediatismo e o consumismo, a ciência, a religião, as instituições sociais, o autoconhecimento, a tensão entre as polaridades masculina e feminina do ser, a sexualidade, o poder, as lutas e contradições internas do ser humano, a fraternidade, a

fratricidade, a evolução dos homens e dos animais, a espiritualidade, o inacabamento humano e a construção da liberdade.

Vejo, assim, que as histórias em quadrinhos poético-filosóficas poderão auxiliar a compreender como a educação, a arte e a comunicação estão imbricadas na cultura contemporânea e quais problemas e possibilidades de respostas criativas estão presentes neste universo no atual momento histórico de nossa cultura. É importante, para tanto, que tais artistas continuem, a produzir e a dialogar com o nosso tempo.

Claro está que não consigo ver os quadrinhos poético-filosóficos como panacéia para as práticas pedagógicas. Mas, em articulação com um projeto político-pedagógico bem elaborado, com uma ação de coordenação pedagógica que apóia e problematiza os fazeres docentes e com professores abertos a trabalhar com a arte e suas implicações para a autoformação, acredito que eles possam dar uma contribuição significativa aos estudantes e professores neste espaço privilegiado de desenvolvimento humano que é a escola. Obviamente que isso supõe uma formação que possibilite aos professores um manejo adequado e responsável deste rico material, nem sempre bem compreendido no primeiro exame de olhos.

Referências

ANDRAUS, G. **As Histórias em quadrinhos como informação**

- imagética integrada ao ensino universitário.** São Paulo: Universidade de São Paulo (ECA), 2006 (Tese de Doutorado).
- _____. HQ fantástico-filosóficas: gênero único no Brasil. **Jornal Graphiq**, nº 14, janeiro, 2008a.
- _____. HQ fantástico-filosóficas: gênero único no Brasil. Dois estudos de caso. **Jornal Graphiq**, nº 15, fevereiro, 2008b.
- APPLE, M. W. **Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora.** 2ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FRANCO, E. S. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.) **As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática.** São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.
- GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GUIMARÃES, E. Reflexões sobre quadrinhos poéticos. In: **Revista Mandala**, nº 13, junho de 2001, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 17-18.
- GROF, S. **A aventura da autodescoberta.** São Paulo: Summus, 1997.
- MAGALHÃES, H. Quadrinhos Poéticos: viagem obtusa aos meandros da alma, In: **Revista Mandala**, n. 13, junho de 2001, João Pessoa: Marca de Fantasia, p. 19-20.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- SANTOS NETO, E. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. **Revista Visualidades. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual.** v. 7, n. 1, Jan-Jun/2009, p. 68-99.
- SANTOS NETO, E.; SILVA, M. R. P. (Org.) **Histórias em quadrinhos & Educação: formação e prática docente.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.
- VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: Rama e Vergueiro (Org.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 7-29. 🗨